



Genildo Santana\*

## RESUMO

No artigo pretendemos analisar o aforismo XCV da obra *Novum Organum*, de Francis Bacon, contextualizando nos acontecimentos da Idade Moderna e no embate moderno, no tocante ao debate epistemológico entre Empirismo e Racionalismo. Mesmo sendo o fundador do método experimental na filosofia e do Empirismo, Bacon propõe uma superação do dualismo Razão/Experiência no referido aforismo. No artigo, pretendemos analisar aspectos pertinentes ao Empirismo e ao Racionalismo modernos, sem juízo de valor, suas contribuições à filosofia e como Bacon, mesmo sendo empirista, propõe, a partir da observação da natureza, que se faça uma filosofia não de formiga ou de aranha, mas de abelha.

**Palavras-chave:** Bacon. *Novum Organum*. Empirismo. Racionalismo. Abelha.

## Philosophize like a bee: a reading of Francis Bacon's aphorism XCV

## ABSTRACT

In our article we intend to analyze the XCV aphorism of Francis Bacon *Novum Organum*, contextualizing in the events of the Modern Age and the modern struggle, regarding the epistemological debate between Empiricism and Rationalism. Even though he is the founder of the experimental method in philosophy and empiricism, Bacon proposes an overcoming of the reason / experience dualism in that aphorism. In our article, we intend to analyze modern value-free modern Empiricism and Rationalism, and their contributions to philosophy, and how Bacon, even though being an empiricist, proposes, from the observation of nature, to make a philosophy not of ant or spider but bee.

**Keywords:** Bacon. *New Organum*. Empiricism. Rationalism. Bee.

Filosofar como uma abelha: uma leitura do aforismo XCV de Francis Bacon

## Introdução

Francis Bacon (1561-1626) foi um filósofo, político e ensaísta inglês. Bacon é tido como o fundador do método experimental indutivo, de cunho científico. Por isso é considerado o criador da ciência moderna e do empirismo, corrente epistemológica da Idade Moderna. Oponha-se claramente ao Racionalismo cartesiano, que punha sua crença nas ideias inatas e que via na razão a fonte principal de conhecimento do ser humano. No artigo abordaremos as principais ideias do Racionalismo e do Empirismo, como se contrapunham em suas concepções sobre a construção do conhecimento e como buscaram, por distintas vias, dar ao ser humano na modernidade um norte epistêmico, uma “luz” às suas inquietações, que não eram poucas, devido a um mundo que mudava muito rápido. Veremos como Bacon, empirista, propôs a superação da dualidade Razão/Experiência.

A passagem da Idade Média à Idade Moderna ocorreu em meio a uma profunda e intensa transformação social. De teocêntrica, geocêntrica, rural, “obscura”, de fé como princípio, feudal, essa mesma sociedade tornou-se antropocêntrica, heliocêntrica, urbana, “iluminada” pela razão cartesiana, racional, absolutista.

As grandes navegações, capitaneadas pela recente burguesia, notadamente pela escola náutica portuguesa, em Sagres, a descoberta do Novo Mundo, a reforma protestante e a sequente contrarreforma da Igreja Católica, através do Concílio de Trento e da criação da Companhia de Jesus, os Jesuítas, o renascimento cultural, iniciado na Itália e depois divulgado em toda Europa, o renascimento científico, a partir das descobertas de Galileu Galilei, Nicolau Copérnico, Giordano Bruno, Johannes Kepler, Ticho Brahe, mudaram a cultura, a economia, a política, a religião, a filosofia e a sociedade europeias.

O mundo moderno não se inspirou em sua época precedente. Antes, a dita Média<sup>1</sup>. Um espaço intermediário. Foi buscar inspiração mais distante no tempo. Foi atrás dos valores clássicos greco-romanos, presentes na pintura, na escultura, no teatro, na literatura, por exemplo. Valores que enalteciam o ser humano. Foi, então, na sociedade clássica que a Idade Moderna se inspirou. Ela não foi, nesse sentido, moderna. A Idade que a precedeu foi dita Média, espaço intermediário entre os valores

---

<sup>1</sup> Foi o Renascimento Cultural que denominou aquela época precedente de Média. Buscava, então, inspirar-se em outra época e foi ao classicismo greco-romano.

clássicos e os novos valores que agora se agigantavam pela alma e pela mão do ser humano moderno.

Camões – glória da poesia e da arte portuguesas – assim diz, na terceira estrofe do *Canto I* de *Os Lusíadas*<sup>2</sup>:

Cessem do sábio Grego e do Troiano  
As navegações grandes que fizeram;  
Cale-se de Alexandro e de Trajano  
A fama das vitórias que tiveram;  
Que eu canto o peito ilustre Lusitano,  
A quem Neptuno e Marte obedeceram:  
Cesse tudo o que a Musa antiga canta,  
Que outro valor mais alto se alevanta (CAMÕES, 2010, p. 8).

A Idade Moderna ambicionou ser um novo mundo clássico. Para isso, a Idade Média – como ela definiu – não lhe servia. Os mestres da arte italiana, da Capela Sistina, se inspiraram na arte greco-romana. Quanta semelhança entre o *Moisés*, de Michelângelo e a *Estátua de Zeus*, esculpida por Fídias! *Os Lusíadas* de Camões tem clara inspiração na *Odisséia* de Homero e na *Eneida*, de Virgílio, o Latino, que são autores paradigmáticos do poema épico, gênero poético narrativo desenvolvido justamente para cantar, de maneira retumbante, a história de um povo. A *Ilíada* e a *Odisseia*, atribuídas a Homero, no século VIII a. C, pelo relato de episódios da Guerra de Tróia, contam a história heroica do povo grego focalizando a Guerra de Tróia. Já com Virgílio (71 a 19 a. C.), na *Eneida*, a atenção recai nas aventuras do herói Enéas para focar a história da fundação de Roma e as origens do povo romano. Camões se vale desse mundo mitológico de uma maneira muito peculiar. Os mestres renascentistas também foram à antiguidade buscar inspiração para compor suas pinturas e esculturas.

Nesse contexto se insere a obra *Novum Organum*, de Francis Bacon, publicada em 1620. Uma clara referência ao *Organon*, de Aristóteles, um tratado de lógica. O título do livro é mais longo: *Novum Organum ou Verdadeiras Indicações Acerca da Interpretação da Natureza* ou *Novo Método*. É um novo método de interpretação, baseado no experimento, na observação criteriosa, indutiva.

<sup>2</sup> *Os Lusíadas*, composto em dez Cantos, relata, em versos octossilábicos ou oitavas camonianas, as navegações de Vasco da Gama, num misto de realidade e ficção, semelhante à epopeia de Ulisses, após derrotar Tróia, voltando para Ítaca e sua bela Penélope.

Segundo José Pereira da Costa, em seu livro *Retalhos do Pensamento Filosófico*,

No “*Novum Organum*”, Bacon debate o conhecimento científico que, segundo ele, tem como finalidade servir o homem e dar-lhe poder sobre a natureza. Para Bacon, a ciência deve restabelecer o “*imperium hominis*” sobre as coisas, ou seja, o império dos homens sobre as coisas (COSTA, 2003, p. 98).

Após criticar os Ídolos – da Tribo, da Caverna, do Foro e do Teatro<sup>3</sup> – e dizê-los incapazes de interpretar a natureza, Bacon oferece um novo método, o método experimental, científico, da observação e coleta de dados, dando início à ciência moderna.

O método baconiano o insere dentro do movimento empirista, que busca nos sentidos, na experiência, na *empeiria*, a verdade sobre o mundo. Movimento que vai de encontro ao racionalismo, que teve em Descartes (1596-1650) um dos mais eminentes representantes.

No artigo, abordaremos algumas questões sobre o racionalismo, em seguida, outras referentes ao empirismo e, por fim, o aforismo XCV do *Novum Organum*, que propõe a superação de ambos, através de uma filosofia, não de aranha ou de formiga, mas de abelha.

## 1 O racionalismo como método e caminho para o saber

O racionalismo é uma teoria filosófica, presente no mundo moderno, que dá prioridade à razão como faculdade principal de conhecimento possível. O racionalismo aceita a existência das verdades inatas. Descartes é dado como seu fundador. Para Descartes, existiam três categorias de ideias: as *adventícias*, as *factícias* e as *inatas*. As ideias *adventícias* representam as ideias que surgem através de dados obtidos pelos nossos sentidos; *factícias* são as ideias que têm origem na nossa imaginação;

---

<sup>3</sup> Segundo o próprio Bacon, nos aforismos XLI, XLII, XLIII, XLIV, “Os ídolos da tribo estão fundados na própria natureza humana, na própria tribo ou espécie humana. E falsa a asserção de que os sentidos do homem são a medida das coisas. Os ídolos da caverna são os dos homens enquanto indivíduos. Pois, cada um — além das aberrações próprias da natureza humana em geral — tem uma caverna ou uma cova que intercepta e corrompe a luz da natureza. Ídolos do foro devido ao comércio e consórcio entre os homens. Com efeito, os homens se associam graças ao discurso, e as palavras são cunhadas pelo vulgo. Os ídolos do teatro: por parecer que as filosofias adotadas ou inventadas são outras tantas fábulas, produzidas e representadas, que figuram mundos fictícios e teatrais”.

e as ideias *inatas*, que não dependem da experiência e estão dentro de nós desde que nascemos. Segundo Descartes, conceitos matemáticos e a noção da existência de Deus eram exemplos de ideias inatas. O inatismo, então, está fortemente ligado ao racionalismo. Com efeito, o racionalismo advoga que há ideias que não precisam da experiência para que as conheçamos.

O racionalismo tem como principal objetivo teorizar o modo de conhecer dos seres humanos, não aceitando qualquer elemento empírico como fonte do conhecimento verdadeiro. O foco está todo no sujeito cognoscente e não no objeto cognoscível. Para o racionalismo, o conhecimento está no sujeito e não no objeto. É o sujeito que conhece o objeto dado.

Segundo Érico Andrade, no livro *O Sujeito do Conhecimento*, publicado em 2012:

Embora René Descartes nunca tenha usado o termo “sujeito” para denotar o agente do conhecimento, os filósofos normalmente lhe atribuem a patente do termo. Na verdade, Descartes usou a expressão latina *res cogitans* (coisa pensante) para designar a centralidade do pensamento que “subjaz” a todas as nossas representações do mundo (ANDRADE, 2012, p. 15).

Pois bem, com o seu *Penso, Logo Existo*, em *O Discurso Sobre o Método*, de 1637, foi lançado um tratado filosófico e matemático que estabeleceu as bases do racionalismo como única fonte de conhecimento. Com *O Discurso sobre o Método*, Descartes inaugurou o racionalismo moderno, pondo nos ombros da razão a responsabilidade por todo conhecimento verdadeiro possível.

O método pensado por Descartes se constitui de quatro movimentos, a saber: 1) *evidências* – jamais dizer que algo é verdadeiro sem conhecer evidentemente como tal; 2) *análise* – dividir cada uma das dificuldades examinadas em tantas parcelas quantas possíveis e quantas necessárias fossem para melhor resolvê-las; 3) *síntese* – conduzir por ordem os pensamentos, começando pelos objetos mais simples, para subir, pouco a pouco, como por degraus, até o conhecimento dos compostos; 4) *controle* – enumerações tão complexas e revisões tão gerais que permitissem a certeza de nada omitir (COSTA, 2003).

O racionalismo se orienta pelo método dedutivo, como explica Gustavo Gauer<sup>4</sup>, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul:

O método racionalista de acesso ao conhecimento consiste tipicamente no respeito à lógica dedutiva. De acordo com essa orientação, a verdade é conhecida através de uma argumentação formal que parte de certas premissas consideradas autoevidentes. O conhecimento, assim, emerge de um movimento popularmente conhecido como “do geral para o particular” (GOMES, 2007, p. 12).

É a razão que nos dá, segundo Descartes, o verdadeiro conhecimento. É a razão, para os racionalistas, composta por um conjunto de leis universais, que forma todo o conhecimento racional, e tudo que está fora dele é conhecimento errado.

Descartes não cria propriamente o racionalismo. Ele dá ênfase a esse racionalismo no mundo moderno, uma vez que a tradição filosófica se fia na razão como linha mestra desde Tales de Mileto. O próprio Aristóteles afirmou que a *Razão Demonstrativa* é a única via possível de se filosofar e qualquer gesto fora dessa *Razão Demonstrativa* não podia ser chamado de filosofia<sup>5</sup>. O racionalismo moderno, além de Descartes contou, nesse momento específico, com seguidores como Baruch de Spinoza (1632-1677), Gottfried Wilhelm Leibniz (1646-1716), Blaise Pascal (1623-1662), Georg Wilhelm Friedrich Hegel (1770-1831).

Para o racionalismo, qualquer conhecimento digno desse nome tem que passar pelo crivo da razão, por ter a razão leis universais que garantem, por si só, a posse desse conhecimento dado como verdadeiro. A razão que se basta a si mesma é o critério único para tal conhecimento.

Antecipando um pouco daquilo que trataremos mais adiante, podemos afirmar que a filosofia racionalista é a filosofia da aranha. Tira de dentro de si e constrói o mundo.

---

<sup>4</sup> O argumento de Gustavo Gauer se encontra em um artigo cuja citação possível só nos foi apontada dessa forma: In Gomes, W. B., Gauer, G. & Souza, M. L. (2007). História da Psicologia.

<sup>5</sup> Debate feito pelo padre Henrique C. de Lima Vaz, citado em um artigo intitulado *Curso de Extensão sobre Filosofia no Brasil*. Departamento de Filosofia, FAFICH- UFMG, 2º Semestre de 1981. Nesse trabalho, o padre Vaz argumenta que a *Razão Demonstrativa* aristotélica é o critério único possível para filosofar. Daí, a dificuldade de se falar em filosofia em outros lugares, por exemplo, no Brasil.

## 2 O empirismo como outro caminho possível para o saber

Em contraposição ao racionalismo e às ideias de Descartes, uma corrente filosófica logo fez sua voz ser ouvida na Europa moderna: o Empirismo. A palavra empirismo vem do grego *empeiria*, que significa *experiência*. No caso da corrente filosófica europeia, diferentemente do racionalismo, ela punha na experiência a responsabilidade principal pelos conhecimentos que adquirimos. É a experiência que nos possibilita conhecer. Nada que sabemos nos chega se não passar pelos sentidos. São os sentidos, e não a razão, que captam o saber e o conhecimento. Segundo Érico Andrade,

Para essa corrente filosófica, o sujeito do conhecimento não é puro pensamento, pois todo conhecimento deriva da experiência empírica e está subordinado a ela. Nesse sentido, os empiristas propõem uma nova configuração do sujeito do conhecimento, mais próxima do corpo (os cinco sentidos) do que da alma (razão) (ANDRADE, 2012, p. 24).

Basicamente, o empirismo defende que todo o conhecimento advém da experiência *na* e *com* a realidade cotidiana, ou seja, as nossas estruturas cognitivas somente aprendem por meio da vivência e das apreensões de nossos sentidos. Assim, para o empirismo não há conhecimento que não seja fruto da experiência, que não resulte primordialmente da atividade dos sentidos. O conhecimento advindo da razão não constitui um conhecimento verdadeiro, uma vez que não pode ser observado pela experiência sensível. É a experiência que pode fundar o verdadeiro conhecimento.

Francis Bacon é considerado o primeiro empírico moderno. A seguir, temos empiristas que foram fundamentais para a elaboração e afirmação dessa corrente filosófica na Idade Moderna: David Hume (1711-1776), John Locke (1632-1704), Thomas Hobbes (1588-1679).

Uma das concepções mais divulgadas por tais autores afirma que a mente humana é uma *tábula rasa*. John Locke foi o formulador dessa analogia empírica. E ele foi buscar em Roma essa imagem que expressa o pensamento empirista. A *tábula rasa* era um instrumento romano de escrita, feito com cera. As pessoas escreviam na cera com uma espécie de estilete e, quando queriam apagar, bastava raspar ou

derreter o material. Desse modo, os empiristas entendem que a mente humana vai sendo preenchida à medida em que acumula experiências.

Tratando da concepção empirista, Marilena Chauí explica<sup>6</sup>:

Nossos conhecimentos começam com a experiência dos sentidos, isto é, com as sensações. Os objetos exteriores excitam nossos órgãos dos sentidos e vemos cores, sentimos sabores e odores, ouvimos sons, sentimos a diferença entre o áspero e o liso, o quente e o frio, etc. As sensações se reúnem e formam uma percepção; ou seja, percebemos uma única coisa ou um único objeto que nos chegou por meio de várias e diferentes sensações. Assim, vejo uma cor vermelha e uma forma arredondada, aspiro um perfume adocicado, sinto a maciez e digo: “Percebo uma rosa”. A “rosa” é o resultado da reunião de várias sensações diferentes num único objeto de percepção. (CHAUÍ, 2020, s./p.).

O sujeito do conhecimento, no empirismo, é o objeto conhecido, e não o sujeito em si, como apregoa o racionalismo. Os filósofos empiristas têm várias críticas ao método cartesiano, negando que a razão possa ser a fonte do conhecimento. É a partir dos dados da experiência que, por abstração, o entendimento, ou intelecto, produz ideias. A razão humana é vista como uma folha em branco sobre a qual os objetos vão deixar sua impressão sensível. O empirismo não nega a razão. Questiona, porém, que ela seja a fonte única de conhecimento. Na verdade, ela abstrai os conhecimentos adquiridos pelos sentidos.

A exemplo do que fizemos no item anterior, adiantando uma noção que discutiremos a seguir, a filosofia empírica se identifica com a filosofia da formiga: tira do mundo externo e, a partir daí, constrói seu mundo.

### 3 Francis Bacon e o *Novum Organum*

Feita esta rápida e sucinta abordagem sobre o Racionalismo e o Empirismo, esclarecendo que mesmo dentro de cada uma destas correntes filosóficas há diferenciações entre os filósofos, detenhamo-nos agora em torno de Francis Bacon e seu pensamento, tendo em vista o objeto e o objetivo deste artigo, o fragmento XCV do *Novum Organon* e as modalidades de Filosofia.

Francis Bacon foi um filósofo e político inglês (Londres, 1561-1626). Faz os seus estudos iniciais na Inglaterra e, em seguida, viaja para França. Em 1580, já de

<sup>6</sup> Reflexão extraída do blog [filosofiabrasilia.blogspot.com](http://filosofiabrasilia.blogspot.com). Acessado no dia 02/01/2020.

regresso a Inglaterra, empreende estudos de Direito. Em 1593 começa a intervir em política na Câmara dos Comuns. Se Junta ao partido do Duque de Essex, favorito da rainha, mas quando este cai em desgraça, não hesita em condená-lo publicamente.

Em 1604, já sob o reinado de Jaime I, obtém o título de advogado. Desde este momento até 1618, em que é nomeado grande chanceler e recebe o título de visconde, a sua carreira é meteórica, se bem que ao preço de admitir a prática de todo o tipo de arbitrariedades. Em 1621, o Parlamento acusa-o de venalidade, condena-o a pagar 40.000 libras esterlinas e o encarcera na Torre de Londres. Bacon recupera a liberdade quase de imediato, mas a sua vida pública termina. A seguir, dedica-se ao estudo da ciência e da filosofia. Sir Francis Bacon ocupa um notabilíssimo lugar na história do pensamento e da ciência como criador da investigação experimental

Conta-se que Bacon está entre os primeiros que tiveram consciência do significado histórico das ciências e de como estas transformam não só a filosofia, mas também a vida dos homens. Via, na ciência, a possibilidade de transformação social. Na época de Bacon a ciência estava em voga, através dos estudos de Copérnico, Galileu Galilei e tantos outros que se dedicaram aos estudos científicos, sem preconceitos. Para Bacon, o saber há de permitir ao ser humano dominar a natureza. Por isso, tenta unir as tradições sábia e popular, até então separadas. A sua filosofia baseia-se, essencialmente, na substituição da lógica dedutiva medieval, que considerava estéril, por um novo método experimental e indutivo.

O *Novum Organum* é o início de um ambicioso projeto de síntese total do conhecimento humano. Após criticar os juízos prévios (*idola* ou preconceito de que nos devemos libertar para construir a ciência), que obstaculizam o caminho da verdadeira ciência, Bacon fixa de modo sistemático as regras da indução: as tabelas de presença, de ausência e de graus<sup>7</sup>. Ignora a importância do método analítico e das matemáticas e mostra-se adversário do método criado por Galileu, dado que nele os fenômenos estão isolados do seu meio natural e apenas são estudados nos seus aspectos mensuráveis. Do ponto de vista literário, destaca-se o seu romance político *A Nova Atlântida*, no qual descreve com estilo original e vigoroso um país ideal (BACON, 2000/2003, p. 228).

---

<sup>7</sup> O *Novum Organon* ocupa-se do método de sistematização e padronização da observação e da experimentação. Para sistematizar a observação e a experiência, Bacon propõe a construção de "tabelas de descoberta". Ele distingue três tipos: tábuas de presença, de ausência e de grau.

Segundo José Pereira da Costa,

Bacon foi, para uns, o pioneiro no campo científico; para alguns, um marco entre o homem medieval (teórico, por excelência) e o homem moderno; e, para outros, sequer foi o fundador do método experimental (COSTA, 2003. p. 99).

Com seu trabalho filosófico, sem adentrarmos em obras outras de Bacon, nos campos políticos e jurídicos, ele é tido como o pai da experimentação e do método científico indutivo. Embora concordem ou não, ele teve papel importante naquele momento histórico preciso e para a corrente empírica, sendo considerado seu fundador.

Inspirado nas grandes invenções técnicas, como a pólvora, a imprensa e a bússola, Bacon entendia que a ciência poderia e deveria transformar as condições de vida do ser humano, concepção bastante ousada em sua época. Por isso estabeleceu para si a missão de rever a história e tentar entender por que a filosofia gerara tão poucos frutos para melhorar as condições de vida humana.

Alguns críticos discordam que Bacon seja o fundador da ciência moderna e do método experimental. Um desses críticos, Theobaldo Santos (*apud* COSTA, 2003), assim se refere a Francis Bacon:

Embora aconselhasse, Bacon jamais utilizou esse método em investigações científicas, o que faz lembrar o famoso paradoxo de Bernard Shaw: “quem sabe faz, quem não sabe, ensina”. Por isso Bacon em nada contribuiu para o progresso científico. Foram, sobretudo, Leonardo da Vinci, Tycho Brahe, Kepler, Galileu e Newton que lançaram os fundamentos da ciência moderna, à luz da observação e da experimentação (COSTA, 2003, p. 100).

A nosso ver, a contribuição de Bacon ao pensamento filosófico e mesmo científico, como formulador de um método, embora passível de críticas, é relevante para a filosofia e para a ciência mesma. Ao seu tempo, seu método e seu pensamento tiveram força e importância. Não podem, assim, ser relegados ao esquecimento total, como pretende Theobaldo Santos.

Bacon escreveu muitos livros. Mas é o *Novum Organum* que nos importa mais, pois é dele que tiramos o aforismo XCV para análise. Sobre essa obra, Hilton Japiassu e Danilo Marcondes esclarecem:

Novum Organum, cujo título já representa seus objetivos, fundamentação de um novo método científico e defesa da lógica indutiva, uma vez que se contrapõe ao Órganon, o conjunto de tratados de lógica e método científico de Aristóteles. Bacon procura mostrar que a verdade, na ciência, surge da união da experiência e da razão, segundo um processo que constitui o ponto de partida do método experimental (JAPIASSU; MARCONDES, 2008, p. 141).

Embora pertencendo à corrente empírica, Japiassu e Marcondes sugerem que Bacon propõe no *Novum Organum* uma superação do dualismo razão/experiência. Ainda segundo os autores, para alcançar esse conhecimento, Bacon, após criticar os ídolos, propõe o método indutivo como caminho confiável ao conhecimento.

Precisamos antes de tudo libertar-nos de nossos preconceitos ou ídolos. Estes elementos perturbadores do conhecimento serão eliminados graças ao método indutivo. O interesse da ciência não é somente especulativo ou contemplativo. Importa, antes de tudo, estender o poder do homem sobre a natureza através da aplicação do saber científico na técnica. Para tanto, o homem precisa conhecer as leis que regem o universo, pois “só vencemos a natureza obedecendo-lhe”. Esta obra teve grande influência no desenvolvimento da concepção empirista de ciência experimental e foi um dos pontos de partida de discussão do problema do método científico no pensamento moderno (JAPIASSU; MARCONDES, 2008, p. 141).

O *Novum Organum* foi publicado em 1620, com grande repercussão. Como já afirmamos, é uma alusão ao *Organon* de Aristóteles, filósofo muito criticado por Bacon. É nele que se estabelece a proposta de um novo método, diverso do aristotélico, para entender a natureza.

Dividido em dois livros, sendo o *Livro I* com 130 aforismos e o *Livro II* com 52 aforismos, o *Novum Organum* tem como subtítulo *Ou Verdadeiras Indicações Acerca da Interpretação da Natureza*. Os Livros levam o mesmo título: *Interpretação da Natureza e o Reino do Homem*.

Em seu prefácio, Bacon dá uma dica do que seja seu método:

Nosso método, contudo, é tão fácil de ser apresentado quanto difícil de se aplicar. Consiste no estabelecer os graus de certeza, determinar o alcance exato dos sentidos e rejeitar, na maior parte dos casos, o labor da mente, calcado muito de perto sobre aqueles, abrindo e promovendo, assim, a nova e certa via da mente, que, de resto, provém das próprias percepções sensíveis (BACON, 2000; 2003, p. 4).

Já no aforismo I, Bacon descreve que sua pretensão é ultrapassar a disputa dicotômica razão/experiência. Assim se expressa: “O homem, ministro e intérprete da

natureza, faz e entende tanto quanto constata, pela observação dos fatos ou pelo trabalho da mente, sobre a ordem da natureza; não sabe nem pode mais” (BACON, 2000/2003, p. 4). Sua proposta de superação do dualismo razão/experiência aparece notadamente no aforismo XCV, do qual trataremos a partir desse momento.

#### **4 O aforismo XCV: filosofar não como formiga ou aranha – Filosofar como uma abelha**

Analisemos o aforismo XCV (95) do *Livro I do Novum Organum*:

Os que se dedicaram às ciências foram ou empíricos ou dogmáticos. Os empíricos, à maneira das formigas, acumulam e usam as provisões; os racionalistas, à maneira das aranhas, de si mesmos extraem o que lhes serve para a teia. A abelha representa a posição intermediária: recolhe a matéria-prima das flores do jardim e do campo e com seus próprios recursos a transforma e digere. Não é diferente o labor da verdadeira filosofia, que se não serve unicamente das forças da mente, nem tampouco se limita ao material fornecido pela história natural ou pelas artes mecânicas, conservado intato na memória. Mas ele deve ser modificado e elaborado pelo intelecto. Por isso muito se deve esperar da aliança estreita e sólida (ainda não levada a cabo) entre essas duas faculdades, a experimental e a racional (BACON, 2000; 2003, p. 52).

Bacon compara, a partir da observação da natureza, o empirismo e o racionalismo. O empirismo, ele o compara à formiga. A formiga acumula provisões e as usa. Busca no mundo externo sua fonte de vida, assim como os empíricos buscam, na experiência, sua fonte de conhecimento. Já o racionalismo, Bacon compara à aranha que, de si mesma, constrói seu mundo, sua teia, sem recursos externos, uma vez que seu fio ela mesma o produz. Assim, diz Bacon, é a filosofia racionalista: busca construir um mundo a partir da razão, ou seja, a partir de si mesma.

Podemos relacionar o trabalho de Descartes ao trabalho da aranha, como se refere Bacon no referido aforismo. É um trabalho de dentro pra fora. A aranha, em seu tear, tem seu conteúdo em si mesma, sem nada buscar no mundo externo. Assim também se dá com a filosofia de Descartes, através do racionalismo, das ideias inatas que se encontram dentro do sujeito e não fora dele e que não necessitam do mundo externo para existirem. Já David Hume, um dos três famosos empiristas da tríade britânica, ao lado de John Locke e de George Berkeley, pode ser comparado à formiga. A formiga busca fora de si seu conteúdo e a partir dele constrói seu mundo.

Como a formiga, ele, através do empirismo, busca o verdadeiro conhecimento primordialmente fora de si, e não em seu interior. Nesse contexto, a Kant cabe o papel de abelha, uma vez que fez críticas tanto ao empirismo quanto ao racionalismo e, entre tantas, buscou o despertar do dogmatismo, contrapondo-se ao Sonho de Descartes.<sup>8</sup> Kant sintetizou o racionalismo e o empirismo.

A filosofia da aranha, no referido aforismo comparada ao racionalismo, apresenta limites no tocante ao não-reconhecimento da possibilidade de conhecimento verdadeiro fora de si. Limita seu trabalho ao seu próprio tear e, portanto, limita-se à sua própria teia. Nada fabrica a aranha para além de sua teia. Esse é o seu limite. O racionalismo, ao afirmar a existência da Razão Pura e dar-lhe o primado sobre a possibilidade de conhecimento verdadeiro, nega possibilidades outras de conhecimento. Já a filosofia de formiga, identificada com o empirismo, apresenta seu limite pela necessidade, que lhe é intrínseca, de, para fazer e se refazer, dar exclusividade ao mundo exterior. Igualmente se limita ao recusar possibilidades outras de conhecimento verdadeiro.

A posição intermediária, proposta por Bacon, é a abelha. A abelha recolhe o pólen das flores, dele se alimenta, para, a seguir, digerir e produzir o mel. A abelha une o mundo externo ao interno e, em uma linguagem epistemológica, utiliza a razão e a experiência. A abelha une os dois métodos. Não é só formiga, nem só aranha. Ela é os dois.

Filosofar como a abelha significa superar as dicotomias possíveis, os dualismos possíveis, tais como apareceram na história do pensamento. Esses dualismos se manifestaram, por exemplo, nos debates entre o Uno e o Múltiplo, entre o Ser e o Nada, entre a Essência e a Aparência, entre sujeito e objeto, ou mesmo como o relativo ou absoluto. Filosofar como a abelha é ver além do debate ou do embate que está posto de forma dual. É dar um passo adiante, além da dialética aqui apresentada. É o que Enrique Dussel chamou de Analética ou Método Analético<sup>9</sup>.

---

<sup>8</sup> Referimo-nos ao terceiro sonho de Descartes, escrito em *Olympica* e do entendimento do despertar do sono dogmático da parte de Kant, conforme ele mesmo aponta nos *Prolegômenos a qualquer metafísica futura*. Essa reflexão foi bem conduzida por José Antônio Zago, em artigo intitulado *O sonho de Descartes e o despertar de Kant*, publicado na Revista *Aufklärung* em 2016.

<sup>9</sup> Na Conceção de Enrique Dussel, ana-lético quer significar que o lógos “vem de mais-além”; isto é, que há um primeiro momento no qual surge uma palavra interpelante, mais além do mundo, que é o ponto de apoio do método dialético porque passa da ordem antiga à ordem nova. É, por isso, distinto do método dialético. Vai além da dialética.

Bacon denomina essa proposta de *filosofar como a abelha*, em vista de uma verdadeira filosofia. Isso deixa entrever que ele, embora faça parte e seja tido como fundador do empirismo, não vê no empirismo uma verdadeira filosofia. Tampouco a vê no racionalismo. Bacon aposta na proposta que une as duas correntes e supera cada uma em si. Essa verdadeira filosofia deve se servir das duas correntes que estão em disputa, com seguidores fiéis e contundentes nas duas trincheiras epistemológicas. Bacon supera, assim, a dicotomia razão/experiência e denuncia, ao mesmo tempo, o fato de que uma, para existir, tenha que destruir a outra. Ambas podem dar – e dão –, na visão de Bacon, importantes contribuições no trabalho de interpretação da natureza e de construção do reino do ser humano como o propõe no *Novum Organum*.

Esse dualismo não é característico da Idade Moderna. A tradição filosófica foi, desde sempre, dual. Desde o movimento e sua negação com Heráclito e Parmênides, desde o mundo das ideias e o mundo real platônico, desde o sujeito/objeto aristotélico, desde a Cidade de Deus e a Cidade dos Homens de Agostinho, sempre se viu a filosofia imersa em um movimento dual. O que Bacon propõe, naquele momento histórico-filosófico específico, é a superação desse dualismo que, em sua época, se manifestou na forma de racionalismo e empirismo. Quais ganhos pode haver com a superação desse dualismo racionalismo/empirismo? O fato de prender-se a uma corrente de pensamento, seja na filosofia, seja na ciência, seja na história ou na teologia, negando possibilidades outras, não constitui ganho para nenhum adepto de tal corrente de pensamento. O ganho está em superar esses limites e reconhecer, epistemicamente, outras possibilidades de conhecimento verdadeiro. Reconhecer que há outros caminhos para se chegar ao destino que se vislumbra ou se almeja. Ganha-se no diálogo epistêmico que pode favorecer uma melhor compreensão da realidade que nos cerca. Ganha-se em leituras outras e métodos outros possíveis e passíveis de aplicabilidade e compreensão. Ganha-se em não negar o outro. O pensamento dual prende-se a duas únicas possíveis leituras da realidade. Não reconhece que pode haver uma terceira possibilidade. Aceitar essa terceira possibilidade é o maior ganho que se pode ter.

Bacon propõe uma filosofia, não de formiga, empírica, e tampouco, de aranha, racional. Reduzir a verdade a um caminho só demanda prejuízo epistêmico, metodológico, perceptível em análises limitadas da realidade. Análises que não

contemplam o todo porque não aceitam possibilidades outras de investigação. Prejuízos metodológicos que se limitam a um único método de análise e que, assim procedendo, não permite à realidade desnudar-se como ela o é ou pode ser. No *Novum Organum*, ou *Novo Método*, Bacon propõe, no aforismo XCV, uma filosofia de abelha. Uma filosofia que una e ultrapasse os limites do empirismo e do racionalismo. Uma filosofia que beba nas duas fontes e, a partir delas, crie o mundo, o conhecimento.

## 5 Conclusão

Em nossa análise sobre o aforismo XCV do *Novum Organum* de Francis Bacon, traçamos um trajeto que passou pelo racionalismo e pelo empirismo como métodos e caminhos possíveis para o conhecimento.

O empirismo, fundado por Francis Bacon, partindo do método indutivo, propõe a experiência como caminho para o conhecimento. Já o racionalismo, que teve em Renê Descartes seu fundador, parte do método dedutivo, racional, e propõe a razão como único caminho possível para o conhecimento verdadeiro.

A partir deles, vimos a proposta de Bacon no *Novum Organum*, que inclui superar essa dicotomia razão/experiência e, a partir do aforismo XCV, propõe uma filosofia de abelha e não de formiga (empirismo) ou de aranha (racionalismo).

Vimos que Bacon, mesmo pertencendo à corrente empírica, sendo inclusive seu fundador, além de ser o fundador do método experimental, aposta na superação do racionalismo e do empirismo e propõe a união das duas correntes filosóficas.

A filosofia empírica, de formiga, busca no mundo objetivo, experimental, sua fonte de conhecimento. A filosofia racionalista, de aranha, busca em si mesma, através da razão, o caminho para construir o mundo. Bacon, ao propor a superação dessas duas correntes, busca uma filosofia de abelha que parte do mundo e, a partir da digestão, cria o novo no mundo, no caso, o mel. Ela adocica o mundo.

Essa filosofia de abelha, na bela analogia do filósofo britânico, pode nos ajudar hoje a superar as dicotomias presentes no mundo atual, onde quer que elas estejam, seja na política, na filosofia, na economia, na cultura, na sociedade como um todo.

## Referências

ANDRADE, E. **O Sujeito do Conhecimento**. São Paulo: Martins Fontes, 2012.

BACON, F. **Novum Organum**. Pará: Virtual Books Online M&M Editores Ltda., 2000; 2003.

COSTA, J. P. da. **Retalhos do Pensamento Filosófico**. Petrolina: Editora e Gráfica Franciscana, 2003.

FILOSOFIA BRASÍLIA. Disponível: <http://filosofiabrasilia.blogspot.com>. Acesso em: 02.jan.2020.

GOMES, W. B.; GAUER, G.; Souza, M. L. **História da Psicologia**. 2007.

JAPIASSÚ, H.; MARCONDES, D. **Dicionário Básico de Filosofia**. 5ª ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

VAZ, H. C. de L. **Curso de extensão sobre Filosofia no Brasil**. Belo Horizonte: Departamento de Filosofia, FAFICH – UFMG, 1981.

ZAGO, J. A. O sonho de Descartes e o despertar de Kant. **Aufklärung**, João Pessoa, v. 3, n. 1, p. 145-154, jan./jun., 2016.

Recebido em: 08/05/2023  
Aprovado em: 27/09/2023